

A CONTRIBUIÇÃO POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DA FAMÍLIA RIBEIRO (CURAÇÁ-BA E UAUÁ-BA), PARA O DESENVOLVIMENTO DE JUAZEIRO BAHIA.

Conselho Municipal de 14 de abril de 1896 a 01 de janeiro de 1900:

Intendente - Henrique José da Rocha Conselheiros: Antônio Oliveira Sampaio - Presidente de 1896 a 1898 Antônio Evangelista Pereira e Melo - Presidente em 1899 Antônio Teixeira Lima Júnior; Padre Antônio Dias de Oliva; Josino Alcides Ribeiro: José Alexandre da Cunha Ribeiro; Abílio Barbosa (assassinado em 15/11/1899).

Conselho Municipal de 01 de janeiro de 1900 a 31 de dezembro de 1903:

Intendente: Dr. Antônio Rodrigues da Cunha Melo, Conselheiros: José Pereira de Mesquita - Preso até 01/04/1900; Aprígio Duarte Filho - Presidente de 01/05/1900 a 31/12/1900; Josino Alcides Ribeiro - Presidente em 1901; José Alexandre da Cunha Ribeiro - Presidente em 1902 a 1903; Manuel Lima - Preso de 05/04/1900 a 01/05/1900; Olímpio Melo; Hermínio Ferreira; José Luís de Queirós (falecido em 1903).

Pela lei n. 478 de 30/09/1902, o número de conselheiros passou a nove sendo empossados em 16/02/1903: Anísio Ramos de Queirós e Antônio Ferreira Muniz.

Conselho Municipal de 1922 a 1926

Conselheiros: Antônio Martins Duarte, Jesuíno Inácio da Silva, Pedro Pereira Primo, Antônio Borges de Almeida, José da Mota Silveira Filho, Armando Gonçalves de Oliveira, Leônidas Gonçalves Torres Veríssimo Valeriano de Araújo, Bertolino Evangelista Pereira e Melo, Flávio Gomes da Cruz, Josino Alcides Ribeiro (falecido em 1925 e substituído por Edson Ribeiro (em 1926), João Padilha de Sousa (substituído por Emílio Ribeiro), Domingos Martins dos Santos (que substituiu Leônidas Gonçalves Torres).

Conselho Municipal de 1928 a 1930:

Conselheiros: Galdino Evangelista de Matos - Presidente, Artur Viana, Edson Ribeiro, João Matos, Epaminondas Dourado, Flávio Gomes da Cruz (substituído por Alcides Mota), Teodoro de Sousa Martins, Leônidas Gonçalves Torres (substituído por José de Sá Roriz), Raul Nunes da Cunha (substituído por Aprígio Duarte Filho), Veríssimo Valeriano de Araújo

(substituído por Inácio Martins de Macedo), Delsuc Moscoso de Oliveira (substituído por Pergentino Pereira e Melo).

PREFEITOS E CÂMARAS DE VEREADORES, DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1930/ ATÉ 1978

PREFEITOS:

- Rodolfo Araújo, de dezembro de 1930 a fevereiro de 1933; - Aprígio Duarte Filho, de fevereiro de 1933 a 19 de setembro de 1937; - Alfredo Viana, de 20 de setembro a 10 de novembro de 1937; - Aprígio Duarte Filho, de novembro de 1937 a 29 de outubro de 1945; - Ademar Raimundo da Silva, de 5 de novembro a 24 de dezembro de 1945; - Edson Ribeiro, de 25 de dezembro de 1945 a 25 de novembro de 1946; - Ludgero de Souza Costa, de 27 de novembro de 1946 a 10 de janeiro de 1948; - Alfredo Viana, de janeiro de 1948 a 31 de janeiro de 1951; - Edson Ribeiro, de 31 de janeiro de 1951 a 7 de abril de 1955, José Padilha de Souza, de 7 de abril de 1955 a 7 de abril de 1959; ; -

- Alfredo Viana, de 7 de abril de 1959 a 7 de abril de 1963; alguns meses antes do término do mandato passou a exercício ao Sr. Carlos Hermenegildo Rosa, então Presidente da Câmara de Vereadores: - Américo Tanuri, de 7 de abril de 1963 a 07 de abril de 1967; - Joca de Souza Oliveira, de 7 de abril de 1967 a 07 de abril de 1971 ; - Américo Tanuri, de 7 de abril de 1971 a 31 de janeiro de 1973; - Durval Barbosa da Cunha, de 31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977; - Arnaldo Vieira do Nascimento, a partir de 31 de janeiro de 1977. Continua em exercício.

SOCIEDADE BENEFICENTE DOS ARTI-FICES JUAZEIRENSES

A Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses foi fundada em 25 de dezembro de 1928, inicialmente com a denominação de Sociedade Beneficente dos Artistas Juazeirenses. Foram seus fundadores: Dr. EDSON RIBEIRO (10. Presidente)MANUEL FAUSTINO DAMAZIO - SAUL C. ROSAS - EDGARD BANDEIRA - JOSE FELIX VERAS - MARCELINO JOSE DAMASIO NORBERTO PEREIRA DOS SANTOS - PEDRO PAULO COSSENZA - JOSE SABINO DOS SANTOS - ANI-SIO JOSE COSTA - CECILIO MATOS - AUGUSTO ROCHA - JOSE CIRILO DA SILVA - FRANCISCO LUIZ DOS SANTOS - PEDRO DAMASIO JÚNIOR - HERMINIO PEREIRA - ANI-SIO RODRIGUES DOS SANTOS - MARCIANO GOMES DE PAULA - TEODORO DOS SANTOS FARIAS PEDRO SEVERO LINS - GABRIEL DE CASTRO - BOAVENTURA DE SOUZA - ARTUR

PEREIRA DOS SANTOS -JOSE SEVERO LINS - SEBASTIÃO DE ALMEIDA BRANCO e MANUEL GOMES. Um exemplo extraordinário de coesão e de espírito de classe, deram os artífices de Juazeiro, unindo-se, em verdadeiro mutirão, para construir, independentemente de remuneração, a sede social de sua entidade e, estimulados pela cooperação recebida de terceiros, especialmente do seu presidente, que doara à sociedade parte do terreno onde veio a ser edificada, foi ela inaugurada, solenemente, a 01 de maio de 1932, nas comemorações do Dia do Trabalho.

Em 1937 a sociedade instituiu a sua filarmônica, denominada PRIMEIRO DE MAIO, e na sua sede social, também se realizavam, periodicamente, festas dançantes, especialmente nos carnavais, reinando em todas elas grande animação. Mantinha a Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses serviços de assistência médica gratuita aos sócios e seus familiares e de assistência judiciária aos associados. O pavilhão social, cujo desenho e criatividade foi de autoria do Engenheiro JOVINO DO PRADO PEREIRA, era sempre hasteado, ao lado da Bandeira Nacional, em todas as grandes datas cívicas do país, especialmente no 01 de Maio, quando a sociedade, todos os anos, sempre realizou festivas comemorações. Merece um registro especial a porta principal do acesso ao edifício-sede, que é uma obra de arte, ricamente entalhada pelo modelador Edgard Bandeira, exímio artista Juazeirenses autor de esculturas notáveis. Marcou época a Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses, sobretudo pela liderança que assumiu na conscientização dos direitos e deveres do proletariado na região, fomentando e ajudando a fundação de entidades congêneres em Petrolina, Jacobina, Senhor do Bonfim e Xique-xique que, em cujo trabalho de proselitismo e de ação, teve atuação destacada o Professor AGOSTINHO JOSÉ MUNIZ, o principal baluarte da entidade e seu mentor intelectual. Promoveu a Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses a sindicalização do operariado Juazeirenses, a partir de 1934, com o seu Vice-presidente SAUL ROSAS à frente desse movimento e com o apoio inestimável do Professor Muniz. Concluída a sindicalização o operariado promoveu a sua arregimentação política, fundando o Partido União Trabalhista de Juazeiro, de âmbito municipal, que alcançou vitórias eleitorais em Juazeiro de 1934 a 1937, quando foi extinto, em consequência do golpe que instituiu o Estado Novo no país. Neste simples relato, de logo se verifica que a Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses concorreu, de maneira altamente significativa, para congregar aquela

parcela da sociedade Juazeirenses que se colocava, naturalmente, na base da pirâmide social. Não sendo ela uma associação de caráter puramente recreativo, mas, de modo especial, de natureza benéfica, pode, contudo, prestar, direta e indiretamente, boa soma de serviços aos seus associados, visto que foi o primeiro teto onde se abrigaram as classes artífices da cidade, para a sua organização, nascendo, ao calor de sua hospitalidade, quase todas as iniciativas locais em benefício do bem estar do proletariado.

AS TRADIÇÕES DA "28" DE SETEMBRO E DA "APOLO"

Fundadas como Sociedades Filarmônicas, a 28 DE SETEMBRO e a APOLO JUAZEIRENSE logo se tornaram, também, os dois grandes clubes de nossa terra, em torno dos quais girava a atividade social da população Juazeirenses. A primeira delas, fundada a 28 de setembro de 1897, teve como seu primeiro presidente o médico conterrâneo, Dr. Antônio Rodrigues da Cunha Melo, e a segunda fundada a 29 de julho e instalada a 8 de setembro de 1901, teve a dirigir-la, como primeiro presidente efetivo, o Cel. Jesuíno Inácio da Silva, comerciante, Juazeirenses, de destacada projeção no nosso meio social. Desde então, vêm estes clubes prestando à cidade uma colaboração altamente significativa ao seu desenvolvimento, de vez que são os dois centros de onde se irradia, e em torno dos quais se intensifica a vida social de Juazeiro, ao ponto de ser esta considerada a Princesa do São Francisco, e merecer, com desvanecimento, os elogios dos habitantes de todas as cidades que se formaram ao longo desse rio, muitos dos quais vêm passear em Juazeiro, e aí se demoram, com prazer idêntico ao que experimentam outros ao visitar a capital do Estado. Possui cada uma delas confortável sede, condizente com o grau de desenvolvimento da cidade. Para se ter ideia do que são esses clubes e o que representam eles na vida social de Juazeiro é oportuno dizermos que oferecem uma testa mensal obrigatória aos seus associados, além de outras que, esporadicamente, levam a efeito, reinando em todas elas animação que em nada fica a dever àquelas realizadas pelos clubes da capital do Estado, a elas comparecendo o escólio da sociedade local. Durante longo tempo houve entre os dois clubes grande rivalidade, com sérios atritos entre as respectivas bandas de música, ocorridos a 01 de novembro de 1907, a 6 de setembro de 1916 e a 27 de abril de 1918, e porfiavam os dirigentes de cada um na conquista de maior realce às suas festas, tornando-se, então, indeléveis, as administrações de Jesuíno Inácio da Silva, Raimundo da Mota

Silveira, Raimundo Azevedo, Manoel Geômetra da Mota, João Brasil de Mesquita, Demóstenes Bastos, Almir Nuno de Souza, Ruy Jacobina, Alberto Tanuri; Antônio Lopes de Almeida, Américo Tanuri, coadjuvados pelo braço forte e profundo amor à Sociedade Apolo, de Manoel Faustino Damásio, Francisco Evaristo Figueiredo, Sebastião Valença, Abdias Ribeiro, Oscar Ribeiro, Raimundo Santos Ferreira e Martiniano Rodrigues, enquanto, na 28 de Setembro, Abílio Barbosa, João Evangelista Pereira e Melo, Antônio Rodrigues da Cunha Melo, Antônio Evangelista Pereira e Melo, Anísio Ramos de Queiroz, Anísio Evangelista Pereira e Melo, Leônidas Gonçalves Torres, Mário Evangelista Pereira e Melo, Cícero Dias, Bertolino Evangelista Pereira e Melo, José Figueira Cavalcante, José Custódio da Cunha, José Luiz da Costa, José Simões e Silva, Oscar Viana, Eberto Trigueiros, Carlos Alberto Bandeira, Antônio Evangelista de Melo Filho, João Evangelista Pereira e Melo, Aloysio Evangelista Pereira e Melo, José Idelfonso Neri, destacadamente Álvaro Evangelista Pereira e Melo, e tantos outros elementos da família Evangelista se sucediam, no afã de engrandecer o clube pelo qual tinham apaixonada predileção, deixando, ai í, inesquecíveis os seus nomes. O autor desta Memória, Sócio benfeitor da 28 de Setembro e sócio efetivo e ex-diretor, por alguns anos consecutivos, da "Apolo", guarda ainda na memória a lembrança inapagável dessa fase, em que tanto impulso tiveram as duas sociedades, e não olvidará, jamais, o entusiasmo que via invadir os corações de seus consócios, principalmente nas festas de Carnaval, quando a competição pela primazia se acentuava extraordinariamente. Foi então que a Sociedade Apolo lançou aquela música vigorosa, da lavra de Sebastião Valença: "Não há quem vença a Deusa Apolo Na farra deste Carnaval ... ", que desde a introdução é convite arrojado e irresistível ao folguedo, indo buscar a todos, velhos e moços, para o entusiasmo delirante dos salões. Concomitantemente, a 28 de Setembro recebia de Eberto Trigueiros o régio presente que a sua alma de artista lhe oferecia: " ... Quanta alegria, tão jovial, Tens Vinte e Oito O pendão glorioso de um Carnaval. " que é uma explosão do espírito do autor, tomado de nostalgia, pois se achava distante, e cuja introdução, uma clarinada de alerta, por si só justifica o arrebatamento que envolve os frequentadores desta sociedade. Talvez tenhamos descido em um detalhe que poderia ser omitido. Mas, quem já esteve em Juazeiro, frequentou os seus clubes, e ouviu estas duas músicas, há-de reconhecer que elas estão intimamente ligadas à sua tradição, à sua existência e à sua prosperidade, de tal modo, que não é possível falar deles sem se reportar a elas.

A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

No ano de 1885, um dos mais ilustres filhos de Juazeiro, o Dr. José Inácio da Silva, tomou a iniciativa de fundar a Santa Casa de Misericórdia, instituição pia destinada a hospitalar e oferecer tratamento médico aos doentes pobres.

Empreendimento digno dos maiores louvores, mereceu de parte dos habitantes da cidade e apoio necessário e a 01 de junho daquele ano, reuniram-se na Câmara os seguintes cidadãos Juazeirenses que, com sentimento humanitário, foram os fundadores daquela benemérita entidade: DR. JOSE INÁCIO DA SILVA - JOSE GONÇALVES DE CASTRO CINCURA - DR. ANTONIO MOREIRA MAIA - PE. CAETANO DE ARAUJO MATO GROSSO - FRANCISCO MARTINS DUARTE JOÃO LUIZ PEREIRA - JERONIMO JOSE MARINHO - HENRIQUE SCHULTZ - BENEVIDES MOREIRA DO PRADO - CANUTO ANTONIO LIMA - CESARIO DA SI LVA - ANTONIO JOSE DUARTE - ANTONIO LUIZ VIANA - JOSE DA MOTA SILVEIRA - RODOLFO MARTINS DUARTE - DOMINGOS BATISTA MANTENA - BENEDITO INÁCIO FIGUEIREDO - RAIMUNDO HERMILIO DE MELO COSTA - ENEIAS FILHO - JOSE FRANCISCO DE MORAIS - ANTONIO PEDRO DA ROCHA - MICHELI GIAMPAULI - ARISTIDES MARTINS DUARTE - EGI-DIO PLACIDO PUCCINI - LUIZ INACIO DA SILVA FILHO - JOSUE CANDIDO DE DEUS - JOÃO SOARES DE MIRANDA - FRANCISCO RAIMUNDO DE SO UZA - JERONIMO FERNANDES DA CUNHA - MELQUIADES INACIO DA SILVA JOSE BARBOSA DA CUNHA - LUIZ MANOEL DA COSTA FILHO JERONIMO CUSTODIO FERNANDES DA CUNHA - Apolinário ANTONIO DE ARAUJO - RAIMUNDO INACIO DA SILVA - LUIZ MANOEL DA COSTA e FRANCISCO JOSE DO NASCIMENTO. Fundada a Sociedade, foi naquele mesmo dia eleito e empossado o seu Presidente - Dr. José Inácio da Silva, depois, com a aprovação dos respectivos estatutos, designado Provedor da Santa Casa, e que imediatamente se lançou à obra de construção do hospital, que veio a ser inaugurado a 2 de outubro de 1892, em solene sessão da Irmandade de Nossa Senhora das Grotas, que mais tarde passou a denominar-se Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Juazeiro. Nesta solenidade foi aprovada pela Assembleia Geral uma moção de louvores ao seu Provedor, considerando-o irmão Benemérito e encomendando que o seu nome fosse o primeiro inscrito no

quadro de honra e que, no salão nobre do edifício, fosse colocado o seu retrato, a óleo, em testemunho do quanto lhe devia a Irmandade e os paroquianos da Freguesia.

"Todos os domingos saía JOSÉ INÁCIO de porta em porta, com a sacola à mão, pedindo auxílio para a construção do hospital. Inúmeras vezes era enxotado da porta de seus inimigos políticos, que ainda o maltratavam por palavras; mas, no domingo seguinte, José Inácio batia novamente às mesmas portas, para ser recebido da mesma forma. Nunca deixou de assim fazer, como um sacerdócio, até que alguns já davam esmolas, enquanto outros, porém, ainda blasonavam. Assim foi a obra de José Inácio - verdadeiro Apóstolo da Caridade até final execução". (24)

A 25 de dezembro de 1901, foi entronizada, solenemente, na capela do hospital, a imagem do Senhor dos Aflitos, como patrono do Hospital, e todos os anos, a partir de então, celebra-se ai í o novenário em honra do crucificado, com extraordinária devoção por parte dos paroquianos de Juazeiro. Em 1924 e 1925, o hospital da Santa Casa foi transformado em hospital de campanha, requisitado que fora pelas tropas do exército que se fixaram em Juazeiro, dando combate à coluna chefiada por Luiz Carlos Prestes, e, em 1930, novamente foi ele ocupado pelas forças revolucionárias, parei servir de hospital onde pudesse ser atendidos os seus componentes necessitados de serviços médicos. O seu benemérito fundador dirigiu-a, como Provedor, durante 21 anos seguidos, de 1885 a 1906, e trabalhou incansavelmente, com rara perseverança, tenacidade e espírito de renúncia, em prol da sua benfazeja existência. Outro médico, o Dr. Eduardo Brito, de saudosa memória, destacou-se como Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Juazeiro, prestando à nossa terra, durante longos anos, seus inestimáveis serviços. A partir daí, até 1960, dirigiram aquela meritória instituição os seguintes Provedores: - Otacílio Nunes de Souza, em 1911 - Aprígio Duarte Filho, em 1912 - 1913 - 1917 - 1918 e 1935 - Leônidas Gonçalves Torres, em 1914 e 1915 - Manoel Jorge Dantas, em 1916 - Jesuíno Inácio da Silva, em 1919 - Inácio Macedo, em 1920 - José Cordeiro de Miranda, em 1926 - Delsuc Moscoso, em 1927 - Dr. Edson Ribeiro, de 1928 até abril de 1932 - Francisco Evaristo de Figueiredo, de abril a dezembro de 1932 - Nelson Cesar Xavier, em 1933 e 1934 - Dr. João Batista da Costa Pinto, de 1936 a 1939 - Dr. Lauro Lustosa de Aragão, de 1940 a 1943 e de 1954 a 1955 - Dr. José de Araújo Souza, de 1944 a 1951 e

de 1956 a 1959 - Dr. Alírio Viana de Araújo, de 1952 a 1953 - Dr. José Nunes Sento-Sé, em 1960.

Na gestão do Dr. JOSÉ DE ARAUJO SOUZA, outro benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Juazeiro, foi construída e inaugurada a 22 de dezembro de 1951, a MATERNIDADE SÃO JOSÉ. O provedor Dr. José de Araújo Souza fora o idealizador da fundação da Maternidade, que seria uma obra assistencial da mais alta e nobre significação, eis que iria, de modo precípua, preencher uma lacuna, no atendimento às mães pobres de Juazeiro. E, com um especial devotamento ao trabalho de sua construção, soube impor-se à gratidão da família Juazeirenses, transformando aquela meta do seu idealismo em uma realidade, ao concretizar a obra. Por isso, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia fê-lo, como era de inteira justiça, o primeiro diretor da Maternidade São José, a primeira que se erigiu às margens do rio São Francisco e que, com esse privilégio, teve, o de ser a primeira entidade do gênero a prestar serviços inestimáveis às gestantes naquela região. Na provedoria do Dr. José Nunes Sento-Sé, que veio a falecer sem haver completado o seu mandato, foi, por deliberação da assembleia geral da irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Juazeiro, extinto o hospital que se inaugurara em 1902, cedendo lugar a uma creche, denominada Casa da Criança Dr. José Inácio da Silva, que, na ocasião, a Irmandade considerou muito necessária e, além disso, mais adequada aos novos tempos, principalmente em face de sua vizinhança com a Maternidade, instalada no decênio anterior.

OUTROS JORNALISTAS JUAZEIRENSES

Além daqueles cujos nomes já foram lembrados, merecem, ainda, uma especial menção o de outros que, embora não tendo a responsabilidade direta da redação, pontificaram, com artigos de sua lavra, ou marcaram época, com a luminosidade de suas inteligências, através de crônicas e poesias, ou de ensaios históricos, na imprensa Juazeirenses. Dentre estes, alguns se tornaram escritores conhecidos nacionalmente, e honram a nossa terra: Luiz do PRADO RIBEIRO, membro da Academia Carioca de Letras, PEDRO DIAMANTINO DE OLIVEIRA - JOÃO DIAMANTINO DE OLIVEIRA - EDSON RIBEIRO - EDUARDO DO PRADO FIGUEIRA e WALTER DE CASTRO DOURADO. Muitos outros, com igual talento, nos proporcionaram os frutos do seu saber intelectual e, Juazeirenses de nascimento, ou por devoção, merecem o registro dos seus nomes nas lides da imprensa de nossa terra :

o escritor JOSÉ PETITINGA, os poetas JOAQUIM DE QUEIROZ, também escritor e polemista - RAUL DE QUEIROZ - EUGÊNIO LIMA - CÂNDIDO CARDOSO LEAL - ANTONIO SOARES DE MIRANDA - AMÉRICO SOARES DE MIRANDA, e, dentre os mais novos, JOSEPH WALLACE FARIA BANDEIRA - MARIA IZABEL FIGUEIREDO PONTES MARIA DO CARMO SÁ NOGUEIRA - JOSÉ EURICO - LÚCIO SILVA - LAYSE DE LUNA BRITO, também excelentes cronistas e os articulistas e cronistas AMÉRICO ALVES DE SOUZA - FRANCISCO NETO JESUÍNO D'Ávila - DERMEVAL FERREIRA LIMA, também dramaturgo - OLEGÁRIO DE ASSIS - EUCLIDES THIERS - ANÍSIO DE QUEIROZ e RAUL ALVES DE SOUZA (ambos também escritores) MANOEL ANTONIO DO NASCIMENTO - CONSTANTINO HERMILDO DO NASCIMENTO (dramaturgo) - ADOLFO VIANA FI LHO (orador primoroso, um dos grandes homens de nossa terra, e a quem, no transcurso do seu centenário de nascimento, ocorrido a 01 de maio de 1976, O RIVALE dedicou um caderno especial, fazendo lembrar que o tempo passa, mas os seus nomes, pelo ideais e pelos feitos, continuam na memória da posteridade); JOÃO MATOS - OSCAR RIBEIRO - CUSTODIO FERREIRA SENTOS (notável orador e grande idealista); LAMARTINE SÁ RORIZ - LILIA CAFÉ SIQUEIRA e JUDITH LEAL COSTA (duas das maiores figuras, também, nas lides do magistério, em Juazeiro); EDILBERTO DA MOTA TRIGUEIROS (excelente orador e compositor); MANOEL FRANCISCO DE SOUZA FILHO - SEBASTIÃO VALENÇA (grande compositor e um dos maiores filólogos do país); BOLIVAR SANTANA BATISTA (detentor de variada cultura e também eloquente orador). Dentre os intelectuais da nova geração, os cronistas ERMI FERRARI MAGALHÃES - EDILSON MONTEIRO (também notável orador) - JOAQUIM MUNIZ BARRETO - ARISTIDES ARAUJO - JOSÉ PEREIRA DA SILVA - GISELA LINO DE CARVALHO - MARTA LUZ BENEVIDES - LAYSE DE LUNA BRITO - NILDA GENEROSO DE IZAGA - ANTONILA DA FRANÇA CARDOSO - LUIZ FREIRE - EXPEDITO DE ALMEIDA NASCIMENTO e SANDOVAL DUARTE FI LHO (o exímio cronista social e consagrado pintor SANDUARTE). ~ possível que alguns nos tenham escapado à memória. Os nossos conterrâneos por acaso olvidados neste registro, e que tenham brilhado no jornalismo Juazeirenses, que nos relevem a omissão. Não o fizemos intencionalmente e, se os seus nomes nos forem lembrados, sentir-nos-emos muito felizes, noutra oportunidade, de rememorá-los, porque temos a nítida consciência de que são os intelectuais, com a pujança, o ardor e a sedução de sua palavra escrita ou falada que dão vida à comunidade e grandeza à sua terra, e que, por isso mesmo, mais influem nos seus destinos.

O ENSINO DE GRAU MÉDIO

Mas, o interesse do Dr. Edson Ribeiro pela educação já se manifestara muito antes, quando, a 9 de janeiro de 1945, em reunião realizada nas Escolas Reunidas Dr. José Inácio da Silva, fundou o GINÁSIO DO JUAZEIRO, do qual foi o primeiro Diretor, tendo o Dr. Ademar Raimundo da Silva, Juiz de Direito da Comarca, como Vice-Diretor, a Professora Lília Café Siqueira, como Secretária, e o Sr. José Costa Lima, como Tesoureiro. Participaram, também, do grupo que se reunira para discutir a ideia da fundação do ginásio, que ocorreu no mesmo dia, o Monsenhor Antônio da Costa Rêgo, Vigário da Paróquia de Juazeiro, e o Professor Agostinho José Muniz, a quem coube a tarefa de preparar a documentação necessária para encaminhamento, ao Governo Federal, do pedido de autorização para funcionamento daquela unidade de ensino médio e o seu posterior reconhecimento, e que veio a verificar-se através da Portaria n. 536, de 12 de setembro de 1946, assinada pelo Ministro Ernesto Souza Campos. Em 1950, fundou, ainda, o Dr. Edson Ribeiro, a Escola Normal do Ginásio de Juazeiro, que iniciou o seu funcionamento em março de 1950 e foi reconhecida pelo governo estadual a 21 de abril do mesmo ano, por decreto assinado pelo Governador Otávio Mangabeira, referendado pelo Secretário da Educação Anísio Spínola Teixeira. Ainda em 1950, o Dr. Edson Ribeiro fundou, também, sob sua responsabilidade individual, a Escola Técnica do Comércio de Juazeiro, que começou a funcionar em março de 1950 e foi reconhecida nesse mesmo ano pelo Governo Federal. Os primeiros professores do Ginásio de Juazeiro foram os seguintes educadores: - Dr. Edson Ribeiro - Prof. Benedito Ferreira de Araújo, que veio a ser, depois o seu segundo diretor.

- Prof. Lília Café Siqueira - Prof. Judite Leal Costa - Prof. Delanídia de Oliveira
- Prof. Edna de Oliveira Favila - Profa. Edna Garrido Ribeiro - Prof. Ana Oliveira - Prof. Hélia Café Siqueira - Prof. Antonílio da França Cardoso, que veio a ser o seu terceiro.

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DR. JOSE INÁCIO DA SILVA

Em homenagem ao transcurso do centenário do nascimento do eminente Juazeirenses que lhe dá o nome, foi fundada a 9 de setembro de 1955. Também por iniciativa do Dr. Edson Ribeiro, a Associação Educacional Dr. José Inácio da Silva, sociedade civil mantenedora do Ginásio de Juazeiro e de todos os seus cursos.

AINDA AS ESCOLAS MUNICIPAIS

Na gestão do Prefeito Edson Ribeiro, iniciada em 31 de janeiro de 1951, foram as escolas municipais de Juazeiro aumentadas para 72, o que revela o alto interesse daquele administrador para os assuntos concernentes à instrução.

FAMESF: O sonho virou realidade e completa 50 anos

Tudo começou com um grupo de alunos que se reuniu com o propósito de mudar seus destinos a partir de uma ideia. Juntos, eles enfrentaram dificuldades, tiveram conquistas e com muito esforço acompanharam o desenrolar dessa longa história. Os caminhos não foram fáceis e revelaram, a cada dia, a importância de uma grande realização.

Na avenida Edgard Chastinet Guimarães, S/N, São Geraldo, está situada a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), seus dois departamentos e uma trajetória de conquistas ao longo do tempo.

A imagem do desenvolvimento do bairro é visível aos olhos dos que caminham sobre o asfalto, veem as casas e os pequenos prédios, que abrigam muitos dos estudantes da instituição e podem encontrar bem próximo o que necessitam para suprir suas necessidades básicas. Antes a paisagem era outra, poucas casas, muita areia e tudo estava distante. A chegada da faculdade foi responsável por muitas dessas transformações.

Voltando um pouco no tempo, chega-se ao de 1959. Foi nessa época, quando os jovens estudantes de Juazeiro, junto a autoridades, professores e a população conseguiram apoio para tentar concretizar o sonho de possuir uma faculdade na cidade. Bartolomeu Venâncio dos Santos, mais conhecido com seu Berto, 81 anos, foi um dos idealizadores do movimento pró-fundação da escola de agronomia do Vale do São Francisco. Ele conta que quando concluíram o curso, um equivalente hoje ao ensino médio, surgiu a ideia, “O que vamos fazer? Nada?! Não, vamos criar uma faculdade”, revela.

Assim, teve início o projeto da criação da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF). Em 12 de dezembro de 1960, no auditório do então Ginásio de Juazeiro (atual colégio Dr. Edson Ribeiro), foi fundada a faculdade que seria sediada no local até conseguir outro espaço. Falhas na negociação com o governo, fizeram que o ensino na instituição começasse com a contribuição financeira dos estudantes. Esse foi o

primeiro passo de muitos que viriam. Nomes como Edson Ribeiro e o engenheiro agrônomo João Marcelino entraram no movimento e se juntaram nas muitas batalhas para manter a faculdade e torná-la o que é hoje. O início quase um ano depois da fundação, foi lançado o primeiro edital para o vestibular. O interessante é que entre os pré-requisitos para a inscrição estavam atestado de vacinação anti-variólica, atestado médico e até mesmo prova de idoneidade moral. Os 34 aprovados iniciaram a aulas do curso em um dos salões da Sociedade Beneficente dos Artífices Juazeirenses e assim, com a ajuda da população e de todos que se identificavam com a proposta de uma faculdade na cidade, os estudantes formaram parcerias e enfrentaram dificuldades.

O professor Ruy de Carvalho, atual diretor do Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), comenta que era grande o número de estudantes que vinham de outros locais, pela falta de unidades de ensino superior nas suas cidades de origem. Até hoje, muitos alunos de diferentes lugares frequentam as aulas no curso de Agronomia e nos outros cursos do Campus de Juazeiro (Direito, Comunicação Social/ Jornalismo e Pedagogia).

No ano de 1961 foi criada a Escola de Agronomia de Juazeiro, que no ano seguinte incorporou a Faculdade de Agronomia, através da Lei Estadual 1800, de 03/09/1962. Agora a FAMESF estava vinculada ao Estado da Bahia e, os alunos não precisariam mais contribuir financeiramente para o andamento das atividades. Seu Berto revela que era um valor simbólico, só para o essencial, mas que fazia diferença. Mesmo com o empenho dos alunos e da sociedade, várias vezes a instituição viveu momentos de crise e ameaçou fechar suas portas.

As lutas não foram em vão, a faculdade foi ganhando visibilidade e mais pessoas apareceram dispostas a ajudar na sua consolidação. O curso de Engenharia Agronômica, inicialmente, durava quatro anos, possuía 28 cadeiras, e uma única entrada por ano. Depois de tantos desafios, Seu Bartolomeu e mais 24 estudantes concluíram o curso no ano de 1965. Novos desafios No final da década de 60, a FAMESF passou a ser uma autarquia. Alguns relatos apontam que, na década de 70 ela começou a funcionar na antiga área do Horto Florestal, isso proporcionou mudanças e diversas melhorias para a instituição e ajudou na construção da atual paisagem do bairro São Geraldo. A casa onde funciona uma das residências

da universidade dentro do campus é um exemplo disso. Segundo relato de moradores, foi a primeira construção de alvenaria do bairro.

“A história da FAMESF é muito bonita”, declara Josefa Rodrigues, funcionária desde 1976, quando entrou através de seleção. Ela se emociona ao falar da instituição e do início do seu trabalho. “A biblioteca começou onde hoje funciona o laboratório do DCH, era muito pequena”, lembra. Com seus 34 anos de serviços prestados a instituição, ela reconhece as dificuldades, mas com um sorriso no rosto se sente orgulhosa quando ajuda algum aluno. “Trabalhar no coração da faculdade é se sentir comprometida... contribuir pro desenvolvimento”.

Dona Josefa lembra das transformações ocorridas com o passar dos anos. Uma delas foi a incorporação da FAMESF a Superintendência do Ensino Superior do Estado da Bahia (SESEB), no ano de 1980. Três anos depois, daria origem A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estruturada em sistema multicampi e a FAMESF funcionaria como sede do campus III até a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro – FFCLJ, em 1985.

No ano de 1997, a reforma das universidades estaduais provocou alterações tanto na estrutura administrativa quanto na nomenclatura das instituições que compunham a UNEB. A FAMESF seria agora DTCS e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro – FFCLJ seria DCH (Departamento de Ciências Humanas). Hoje o DTCS sedia os cursos de Engenharia Agronômica e Direito. O DCH, Comunicação Social / Jornalismo e Pedagogia, atraindo estudantes de diversas regiões para a cidade de Juazeiro.

A mudança de nomenclatura divide opiniões. Para seu Berto, não faz diferença, o que importa é ter a faculdade. Na opinião do professor José Humberto, ex-diretor do departamento, os estudantes graduados até a reforma se sentem incomodados com a falta da FAMESF. “Como conselheiro do CONSU sugerimos ao Reitor a apresentação de nossa proposta de incorporação oficial da sigla FAMESF, junto ao nome do Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS sem prejuízo nem confronto à legislação vigente. Esperamos que seja aprovada até o fim do ano, quando serão comemorados os 50 anos da FAMESF”, revela.

O atual diretor Ruy, conta que as pessoas comentam: “A FAMESF continua viva”. Sendo FAMESF ou DTCS, o fato é que os alunos gostam do curso e muita gente percebe o potencial da área na região. É o caso de Diego Albuquerque, 24 anos, que veio transferido para Juazeiro. “Aos 18 anos, decidi prestar vestibular para Agronomia por aptidão e pelo contato com a natureza, conta.

Assim, por diversos motivos sejam da cidade, da vizinhança ou de outros estados, homens e muitas mulheres – o que antes era presença rara nas cadeiras do curso, decidem enfrentar as aulas de cálculo, o trabalho de campo, uma rotina puxada de aulas, que envolve os dois turnos e seis dias da semana para ao final de cinco anos, conseguirem o diploma de Engenheiro(a) Agrônomo(a). A concretização Muitos daqueles sonhos idealizados no início da implantação da Famesf no Vale do São Francisco se concretizaram e outros surgem com o passar do tempo. Hoje, a faculdade de agronomia vem colhendo os frutos do trabalho e perseverança de jovens estudantes que mobilizaram pela vinda dessa faculdade, e de certo modo, pela sua permanência. O sonho com uma cidade mais desenvolvida, com mais investimentos, o futuro dos filhos, a vida com mais qualidade as possibilidades locais, as descobertas entre outros, continuam sendo objetivos a serem conquistados com a universidade na região.

A tradicional faculdade de agronomia de Juazeiro tem dado grandes passos para esse fim e tem se tornado excelência na área da engenharia agronômica, especialmente, no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável na região, o uso das tecnologias para melhor cultivo e relação do homem com o meio ambiente, além das possibilidades criadas para convivência com o semiárido.

Assim, a necessidade de se pensar nas futuras gerações, na preservação e valorização do homem e do meio são propostas também pensadas pelos estudantes do curso. Não se vislumbra apenas terminar o curso e ir trabalhar numa grande empresa, ser agrônomo numa propriedade, mas querem fazer a diferença no mundo. “Observei uma carência de pessoas na região que queiram trabalhar com a proposta de convivência com semiárido, de agricultura familiar, de uma produção mais equilibrada... É essencial que as pessoas façam o curso e queiram realmente desenvolver a agricultura no país. Estamos há 500 anos utilizando nossos recursos

naturais de maneira errada e hoje, nós vemos o reflexo desse uso indevido”, ressalta o estudante Diego.

Paralelo a essas mudanças de paradigmas, a instituição vem investindo na formação dos futuros engenheiros, priorizando a pesquisa entre as atividades acadêmicas que são bases para essa formação. Os investimentos em pesquisa buscam investigar e criar alternativas, soluções para problemas nas áreas agrárias. Além disso, o quadro de docentes do curso é formado por doutores e mestres que atuam como pesquisadores e contribuem para o crescimento da pesquisa no curso nos últimos anos.

O diretor do DTCS destaca a importância das parcerias que viabilizam a pesquisa, e a participação dos estudantes e professores nos programas institucionais que financiam os projetos por eles desenvolvidos, como o PIBIC/CNPq, PINCIN, FAPESB. São mais de 47 bolsas de pesquisas, sendo 30 de iniciação científica.

A valorização do profissional também é um ponto forte do curso, pois muitos egressos conquistam logo seu espaço. O êxito não é só no mercado de trabalho, mas também nas seleções de mestrado e doutorado, tanto aqui em Juazeiro, como também em Universidades de todo o Brasil. O professor José Humberto destaca que o melhor que o curso oferece é “a formação de um profissional com perfil adequado à nova realidade educacional”.

Diante de tantos avanços, a instituição foi mais uma vez pioneira e conseguiu implantar o primeiro curso de mestrado da região. O curso de Horticultura Irrigada que acontece desde 2005, é um sinal que bons ventos virão e consigo novas possibilidades, novos olhares para o campo. Quatro turmas já ingressaram e a previsão é de que haja outros mestrados e também doutorado na área das ciências agrárias.

Assim como em toda trajetória, empecilhos que desafiam a vontade de lutar e momentos difíceis acontecem. O principal deles neste caso, é a administração dos recursos. O atual diretor comenta que o curso necessita de uma estrutura complexa, máquinas, animais, campo e isso demanda orçamento. O professor José Humberto que também já foi gestor, aponta a incipiente dotação de recursos como principal dificuldade, mas reconhece a importância de ter exercido a função, “A gestão do DTCS me proporcionou

um aprendizado imensurável da realidade da nossa Universidade, tanto em caráter administrativo como pessoal”, declara.

Prestes a completar 50 anos, o curso de Engenharia Agrônoma é uma realidade. Nas palavras de seu Berto “essa escola veio numa inspiração divina... nós viemos pra fazer alguma coisa pelos outros”, declara entusiasmado. São muitos os personagens envolvidos nesse enredo, que como um belo romance tem direito a lágrimas, paixão, obstáculos, alegrias e muitas conquistas.

Diversas comemorações estão previstas para comemorar o aniversário da instituição. Eventos, homenagens e o mais esperado I Encontro dos Ex-Alunos da FAMESF que deverá acontecer no dia 12 de dezembro deste ano. Momento para abraçar, aplaudir e perceber o quanto valeu a pena criar uma faculdade para aproveitar o potencial do rio São Francisco. O sonho de antes, transforma-se em realidade a cada dia, nas salas de aula, na pesquisa, na busca de melhorias, nos funcionários, em cada turma que se forma, no orgulho de cada um que construiu e constrói essa história. Por Lidmillie de Castro e Roviane Oliveira, estudantes do curso de Pós-Graduação em Ensino da Comunicação Social da UNEB, Campus III em Juazeiro. Fotografias: Livro Educação e Memória, organizado pelo prof. Josenilton Nunes Vieira.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DE JUAZEIRO No decurso do tempo, a partir de sua elevação à categoria de cidade, foi Juazeiro consolidando a sua posição de maior entreposto comercial na região de São Francisco, notadamente depois da inauguração daquelas duas poderosas alavancas de progresso que foram a Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco e a Navegação do Rio São Francisco. A cidade cresceu e desenvolveu-se economicamente, mas, ainda lhe faltava um órgão que, oficialmente, cuidasse dos legítimos interesses de suas classes produtoras. Conscientes da necessidade de instituir uma entidade capaz de agregá-los e, sobretudo, de representá-los perante os poderes constituídos, do País, do Estado e do Município, reuniram-se os comerciantes de maior representatividade de Juazeiro, no dia 29 de maio de 1944, no Clube Comercial, e aí fundaram, nessa mesma data, a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Juazeiro, que teve, como primeiro presidente de sua Assembleia Geral, o Cel. MIGUEL LOPES DE SIGUEIRA e primeiro presidente de sua Diretoria o Sr. JOSÉ COSTA LIMA, que, sucessivamente reeleito para

períodos bienais, na forma estatutária, teve prolongada a sua administração até 1949.

Na gestão do Presidente José Costa Lima a Associação obteve a sua filiação à veneranda Associação Comercial da Bahia, à Associação Comercial do Rio de Janeiro, e à Confederação Nacional de Associações Comerciais do Brasil e, pela lei n. 37, de 15 de dezembro de 1947, sancionada pelo Governador Otávio Mangabeira, em que se convertera o projeto apresentado à Assembleia Legislativa do Estado, pelo deputado Edson Ribeiro, foi a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Juazeiro considerada de utilidade pública. Ainda na administração do Presidente José Costa Lima a Associação fez reivindicações junto à Coordenação da Mobilização Econômica, de interesse do comércio de Juazeiro, em torno dos embarques de sal e açúcar, pleiteou melhoria de transportes ferroviários e fluvial, bem assim a abertura de agências bancárias em Juazeiro, e fez-se representar na Conferência de Teresópolis.

Na gestão do Presidente Deoclécio Ribeiro, em novembro de 1952, participou do Congresso das Associações Comerciais do Brasil, realizado no Rio de Janeiro. Sob a presidência de Yorgy Nicola Khoury promoveu reivindicações no sentido de que a energia de Paulo Afonso chegasse até Juazeiro, no que foi atendida, e apelou para o Governo do Estado da Bahia, no sentido de ser equiparada a alíquota do imposto sobre vendas e consignações à cobrada pelo Estado de Pernambuco, dada a situação geográfica de Juazeiro, como cidade de fronteira. Na gestão do Teodomiro Mendes da Silva conseguiu a Associação Comercial adquirir a sua sede própria, à Praça Dr. José Inácio da Silva n. 12, inaugurada com grandes festividades e, sob a presidência de Niator Sampaio Dantas foi-lhe dado grande impulso, como órgão de classe, continuando-se a trajetória de serviços prestados à comunidade e reivindicações junto à Secretaria da Fazenda do Estado pela adoção de melhor tratamento tributário para os contribuintes locais.

OBAERVAÇÕES: Vilma Cordeiro foi vereadora de Juazeiro, prestando relevantes serviços, ela filha de Almerinda Ribeiro e neta de Olímpio Nunes Ribeiro.

JOSINO ALCIDES RIBEIRO (UAUA) C.C ISABEL AUGUSTA DE OLIVEIRA RIBEIRO (FAZENDA IPOEIRA BARRO VERMELHO – CURAÇÁ-BA)

FILHOS DE JOSINO:

Dr. EDSON RIBEIRO (MÉDICO) C.C MARIA GARRIDO RIBEIRO

Dr. OSCAR RIBEIRO (DENTISTA) C.C AURELIA MAIA RIBEIRO

FILHO DE Dr. EDSON

EDNA GARRIDO RIBEIRO

FILHOS DE Dr. OSCAR

EUNICE MAIA RIBEIRO (IN MEMORIAN)

JOSINO OSCAR RIBEIRO (IN MEMORIAN)

JOSINO ALCIDES RIBEIRO- FILHO DO PROFESSOR BELARMINO RIBEIRO IMORTALIZADO NA LITERATURA, NO LIVRO OS SERTÕES DO GRANDE ESCRITOR BRASILEIRO EUCLIDES DA CUNHA

DEOCLÉCIO RIBEIRO (BARRO VERMELHO – CURAÇÁ-BA) FILHO DE BELARMINO JOSÉ RIBEIRO, FILHO DE VICENTE JOSÉ FERREIRA SÓ.

FONTE DE INFORMAÇÕES:

PREFÁCIO

Em comemoração ao quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador, transcorrido no ano de 1949, resolveu o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia promover, como parte das festividades programadas, a realização do Primeiro Congresso de História da Bahia, inserindo no respectivo temário a história de municípios baianos.

Resolvemos, assim, preparar e apresentar àquele silo de cultura nacional, o estudo que intitulamos Município de Juazeiro (Bahia).

A elaboração daquele trabalho teve caráter pioneiro, porque, até então, nenhuma publicação existia, versando a história de nossa terra, mas, fomos regiamente pagos do esforço dispendido, naqueles idos de nossa juventude; de um lado, pelo acolhimento que mereceu do magno certame, com a sua aprovação e inclusão nos Anais do Congresso; de outro, por haver sido Juazeiro o único município que teve a sua história estudada naquele memorável conclave e havermos divulgado tantos fatos inteiramente

desconhecidos dos estudiosos da história, em geral, e, em particular, dos Juazeirenses nossos contemporâneos, e de muito dos nossos ancestrais; finalmente, por haver sido aquele estudo premiado em concurso aberto pela Câmara Municipal de Juazeiro, que custeou 2 Cf/a publicação.

Neste ano de 1978, resolvemos lançar-nos a tarefa de ampliar aqueles estudos, em homenagem especial ao PRIMEIRO CENTENÁRIO da elevação de Juazeiro à categoria de cidade, o magno acontecimento de sua história.

O grande amor que temos por Juazeiro, onde os nossos olhos viram, pela vez primeira, a luz do dia; onde despertamos para a Vida, sob a proteção de DEUS e o amparo de Nossa Senhora das Grotas, não nos permitirá, jamais, esquecer a infância e a juventude vividas em nossa amorável cidade, cheia de encantos, onde formamos a nossa personalidade, na convivência com um povo laborioso, alegre, comunicativo e bom, sempre a divertir-se, construindo, cada dia, a sua trajetória de vida, em constantes expansões de alegria e permanente felicidade.

o CENTENÁRIO, marco indelével da sua vida, vai oferecer-nos o ensejo de reviver a posição de liderança da nossa terra na região do São Francisco, o seu passado, o dinamismo de sua gente, o seu crescimento; a pujança de sua riqueza histórica e de sua fé nos destinos da terra e do seu povo; mas, junto ao antigo, o tradicional, poderemos ter, também, a oportunidade de enfatizar a face nova de Juazeiro; as perspectivas do seu desenvolvimento, como sede do Distrito Industrial do São Francisco; a importância que irá adquirir, em decorrência da Barragem do Sobradinho; e tantos outros aspectos novos, a encorajar a nossa esperança de vê-la cada vez mais graciosa, mais encantadora, mais desenvolvida, e mais fortalecida na sua habitual confiança em DEUS, nos homens e na própria terra.

Por isso, e porque a nossa cidade se constituiu no horizonte sentimental de nossa vida, deliberamos prestar-lhe o preito maior do nosso amor, neste ano do seu centenário, escrevendo esta MEMÓRIA HISTÓRICA DE JUAZEIRO, que será dada a lume na data consagrada às comemorações do grande evento.

Juazeiro, 15 de Julho de 1978 Dia do Centenário da Cidade

JOÃO FERNANDES DA CUNHA.